

FATOS MUSICAIS E NÃO MUSICAIS EM ENCONTROS ABERTOS DE MUSICOTERAPIA

Rosemyriam Cunha¹
Edemilson Carlos Torre²
Estela Maris Lançoni Cantarelli³
Larissa Maris Lima de Andrade⁴
Mariângela da Silva Sposito⁵
Patrícia Cabreira Fiorelli⁶
Rafaela de Lima Zerbini⁷

RESUMO

A expressão da musicalidade humana, quando direcionada para a intervenção e análise da saúde emocional, física ou social das pessoas, é o elemento fundamental da prática musicoterapêutica. No entanto, aspectos não-musicais também fazem parte desse contexto e agregam sentido ao conjunto das manifestações sonoro-musicais produzidas por participantes de encontros musicoterapêuticos. Este trabalho, de cunho qualitativo, discutiu informações sobre fatos musicais e não musicais de três vivências abertas de musicoterapia. O estudo resultou da pesquisa feita por um grupo de estudos da Faculdade de Artes do Paraná. Foram realizados estudos teóricos e vivências musicoterapêuticas com grupos abertos, sob a fundamentação da musicoterapia comunitária. Para o registro dos encontros foi composto um “mapa das expressões musicais e não musicais do grupo”. Esse modo de transcrição das ações musicoterapêuticas revelou com objetividade as manifestações musicais e não musicais dos participantes e possibilitou a análise, via elementos musicais, da dinâmica e do clima que se estabeleceu no processo de cada encontro aberto.

Palavras-chave: fatos musicais, mapa de registro de encontros de grupos abertos, musicoterapia.

¹ Professora da Faculdade de Artes do Paraná, doutora em Educação pela UFPR. E-mail: rose05@uol.com.br

² Estudante, atualmente acadêmica no 2º. Ano de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: torresdic@hotmail.com

³ Graduação em Fisioterapia e Especialização em Educação Especial, ambas pela PUC-PR. Atualmente acadêmica no 2º. Ano de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: estelamlc@hotmail.com

⁴ Estudante, atualmente acadêmica no 2º. Ano de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: lah.maris@gmail.com

⁵ Graduação em Processamento de Dados pela UFPR. Atualmente acadêmica no 2º Ano de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: mariss7@hotmail.com

⁶ Estudante, atualmente acadêmica no 2º. Ano de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: patriciafiorelli@gmail.com

⁷ Estudante, atualmente acadêmica no 2º. Ano de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: rafaela.zerbini@gmail.com

ABSTRACT

The expression of human musicality, when directed to the intervention and analysis of people's emotional, physical and social health, is the fundamental element for the Music therapeutic practice. However, non-musical aspects also take part in this context and put together sense to the rroup of sonorous-musical manifestations produced by the participants of Music therapeutic encounters. This article, with a qualitative characteristic, discussed information about musical and non-musical facts of three opened experiences of Music therapy. The study resulted from a research made by a study group from FAP. Theoretical studies and Music therapeutic experiences were made under the grounding of Community Music therapy. For the records of the meetings were composed a "map of the musical and non-musical expressions of the group". This transcription way of Music therapeutic actions revealed with objectivity the participants musical and non-musical manifestations and made possible the analysis, by way of musical elements, about the dynamic and the atmosphere established in the process of each opened gathering.

Key-words: Musical facts; map of musical anda non-musical expressions, Music Therapy

A musicoterapia comunitária é um campo de prática contemporâneo que conta com crescente interesse quanto à sua produção teórica e metodológica. O movimento de inserção da ação musicoterapêutica no âmbito de comunidades se deu a partir do final do século passado e tomou força nos meados da década atual (SICCARDI, 2005). A inserção da musicoterapia nesse campo, porém, mostrou a necessidade da construção de um corpo teórico que favorecesse a compreensão dos propósitos da intervenção musical quando esta toma por sujeito e objeto a coletividade humana.

Para Bruscia (2000), comunidade pode ser a família, as instituições, os bairros, as escolas, os hospitais, ou seja, locais nos quais as situações sociais convergem para o interesse coletivo. A prática musicoterapêutica, no ambiente comunitário, tem por intenção estimular interações sociais, sonoras e musicais que fortaleçam o grupo e possam gerar modificações na realidade circundante para atingir os objetivos e expectativas demandadas pela própria comunidade.

Uma vez que a relação diática terapeuta-paciente não dava conta da prática que envolve o profissional e grupos ampliados em espaços comunitários, houve, entre os

musicoterapeutas que se dedicaram a esse movimento, uma aproximação aos princípios da prática multiprofissional que torna possível o atendimento comunitário. Nesse sentido, se fez necessária a adoção de uma fundamentação teórica e epistemológica voltada para o homem gregário, inserido na dinâmica social, histórica e concreta da vida cotidiana.

As ações comunitárias se dão a partir dos interesses e objetivos da própria comunidade que acolhe uma equipe formada por profissionais de diferentes especialidades. São profissionais dispostos a ouvir e aprender com o grupo, ao mesmo tempo em que colaboram, por meio de seus conhecimentos específicos, para a concretização das demandas comunitárias. Entende-se que o trabalho comunitário se dá pelo caminho da parceria e da cumplicidade. Nesse formato de ação e convívio, tanto o profissional como os grupos têm seu papel e contribuição para oferecer, todos os envolvidos assumem responsabilidades e tornam-se membros de igual importância frente o sucesso das empreitadas.

A musicoterapia comunitária tem estendido sua prática, conforme Siccardi (2005), na prevenção da saúde global e na criação de estratégias de ação em grupos que reforcem identidades individuais e plurais. O musicoterapeuta trabalha para facilitar a expressão e organização sonora da comunidade, uma vez que, nesse campo, a escuta terapêutica deve se expandir para as percepções dos anseios e das necessidades não só de sujeitos individuais mas também da coletividade (PELLIZZARI, 2005). No contexto da musicoterapia comunitária, o profissional interage com os saberes das pessoas sem ser o representante do saber. Essa democratização nas decisões tem como objetivo, para Ruiz (2004), gerar modos de ação organizados entre as partes envolvidas.

A prática musicoterapêutica em comunidades sugere que se estabeleça uma relação de companheirismo, de interesse e experiência comum entre o profissional e o grupo. É uma forma de agir que subverte normas já estabelecidas de relações terapêuticas ao inserir o sistema social e a experiência pessoal como suporte mútuo e conjunto que formam uma rede de cuidado social. Conforme explica Stige (2006), essa possibilidade de estabelecer conexões saudáveis só existe quando o trabalho se fundamenta na força e nos recursos do indivíduo e do grupo. O musicoterapeuta é um

trabalhador do “musicar” da comunidade” (musicking) para promover o bem estar social “dentro e através da comunidade” (p. 92), no contexto do trabalho “dentro” e também “com” o grupo. Essa forma de inserir a práxis musicoterapêutica em comunidades implica em que “a saúde seja expressada como cuidado mútuo e que, esse cuidado mútuo esteja relacionado a questão do bem estar social e humano” (p. 93).

Na prática comunitária, o musicoterapeuta se insere na realidade da vida cotidiana dos grupos junto com outros profissionais e com os membros dessa comunidade para discutir e traçar alternativas de ação em prol da saúde coletiva da comunidade. O musicoterapeuta, no conjunto dessa obra multidisciplinar, considera a música e as sonoridades da comunidade como instrumentos capazes de acessar alternativas para a construção de um cotidiano mais satisfatório e saudável. Toda a forma de valorização, organização e conseqüente fortalecimento da cultura musical, sonora e gestual do local se torna fundamental para a convivência grupal. O musicoterapeuta será o profissional que, em conjunto com os membros comunitários irá trazer a tona hinos, gritos de guerra, palavras de ordem, canções, ritmos, histórias, mitos, danças, posturas e atitudes sonoras e corporais que identifiquem, integrem e digam respeito aos grupos com os quais age. A proposta centra-se em interações sonoro-musicais coletivas que podem acontecer em festas, mobilizações, encontros ou outras situações sociais do dia a dia (SICCARDI, 2005).

A música, fator psicossocial presente na vida cotidiana das pessoas, está relacionada à realidade vivenciada pela comunidade. Por estar integrada ao dia a dia, as sonoridades e melodias podem facilitar a construção de pautas de identificação e de cumplicidade entre os participantes das atividades musicoterapêuticas. O encontro das pessoas com sonoridades que lhes são significativas permite o estreitamento de laços de vinculação e de integração interpessoal (ARAÚJO, 1999). Nesse sentido, a ação musicoterapêutica, no contexto comunitário pode fortalecer os grupos, pois a música, forma de expressão essencialmente humana, abre caminhos para a comunicação e o conhecimento de valores, costumes, crenças e modos de ser e agir dos meios dos quais emerge.

A pesquisa aqui proposta originou-se da linha de pesquisa - Manifestações artísticas na rotina da vida diária: comunidades e seus meios de expressão - que

compõe o Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. O trabalho teve por objetivo proporcionar, descrever e analisar três vivências sócio-culturais e musicais que envolveram a comunidade das pessoas que procuram pelos serviços do Centro de Atendimentos e a comunidade acadêmica da Faculdade de Artes do Paraná – FAP. O Centro de Atendimentos e Estudos em Musicoterapia – CAEMT, é uma unidade vinculada ao curso de Musicoterapia e oferece atendimentos à comunidade em geral.

A pesquisa foi realizada por um grupo de alunos e uma professora da FAP que, no ano de 2009, se dedicaram ao estudo da musicoterapia comunitária. Simultâneas às atividades teóricas, foram concretizadas quatro vivências musicoterapêuticas que foram chamados “encontros abertos”. Dos quatro encontros, três deles foram alvo desse estudo por terem sido registrados em um mapa das atividades e manifestações ocorridas no dia. Para compor o grupo foram convidadas pessoas em processo musicoterapêutico e que semanalmente compareciam no CAEMT. Os participantes foram convidados pela professora que fazia contato por telefone dias antes da data estabelecida para a reunião. Participaram dos encontros oito pessoas da comunidade do CAEMT, cinco alunos, dois estagiários e uma professora.

A denominação “encontro aberto” foi adotada por expressar as características do trabalho implementado que preconizou o posicionamento ativo dos participantes, a autonomia na tomada de decisões. Nessa concepção, os participantes do CAEMT puderam optar por aderir ou não ao trabalho coletivo. Durante o desenvolvimento das atividades, a porta ficava aberta e os participantes podiam ir e vir, conforme desejassem. A participação nos encontros abertos era optativa e não interferia nos compromissos assumidos quanto ao processo individualizado. A presença dos estagiários que atendiam os convidados foi sempre solicitada, porém, nem sempre aconteceu devido à incompatibilidade de horários. Os cuidadores e familiares também foram chamados a compor o grupo. A exigência de assiduidade e continuidade foi atribuída aos estagiários e dos membros do grupo de estudos.

Para o registro das manifestações sonoras, das atitudes e posturas concretizadas nos encontros, tomou-se por base o modelo proposto por Pavlicevic (2006) que foi adaptado, pelos autores, à realidade do campo vivencial. O registro foi

denominado “mapa das expressões musicais e não musicais do grupo” e revelou com objetividade a expressão sonora e atitudinal dos participantes. Um mapa semelhante ao que foi construído nos encontros está exposto a seguir. As anotações que constam no modelo são fictícias. Para preservar a identidade e a privacidade do grupo aqui estudado optou-se por apresentar apenas um exemplo do instrumento utilizado na pesquisa.

QUADRO 1 – MAPA DAS EXPRESSÕES MUSICAIS E NÃO MUSICAIS DO GRUPO

GRUPO	Exploram instrumentos sentam-se no chão	Percutem instrumentos em duplas	Percutem em duplas 1 participante faz vocal	silêncio	maior adesão ao instrumental vocal alterna em diferentes vozes	Silêncio Olhares Para o chão	Entoam refrão Luar do Sertão	Centrados na produção instrumental e vocal Todos envolvidos	Cessa instrumental em movimento. decrecente
MUSICOTERAPEUTA	Sugere formação de duplas disponibiliza Instrumental a ser executado em duplas	Solicita que Iniciem a experimentação	Iniciam percussão	Retira o apoio	Apoio rítmico instrumental	Cessa apoio instrumental	Apoia o grupo oferece a letra da canção	Apóia produção vocal do grupo	Permanecem Cantando

MUSICAL	Sons de percussão instrumental	Percussão em duplas. Exploração sem estruturação de ritmo	Percussão instrumental Com base Vocal de 1 participante	silêncio	Vocal melódico instrumental predomina	Cessa a expressão de sonoridades	Instrumental Vozes em uníssono entoam Canção	>Vozes >Instrumentos Repertório caminha para Rosa e Carinhoso	Param de tocar diminuem os participantes que cantam Se instala o Silêncio
<p>Características do encontro: Alternância entre produção vocal e instrumental. Predomínio da manifestação instrumental. Sonoridade dos instrumentos sem estruturação rítmica. O grupo encontrou estrutura rítmico-melódica nas canções após vocalizações (decantação com a sílaba la). O silêncio apareceu e foi sustentado nos meados e no final do encontro.</p>									

Nos mapas dos três encontros abertos aqui estudados, as informações foram organizadas em colunas distintas, conforme o exemplo visto: as manifestações do grupo, as ações do musicoterapeuta e a produção musical resultante. O mapa permite duas formas de leitura: a horizontal e a vertical. No sentido horizontal estão as interações dos participantes, as intervenções do musicoterapeuta e o conjunto de toda a produção dos participantes. No sentido vertical lê-se a totalidade do encontro, organizada momento a momento, com a descrição da ação dos presentes. Há, na base do gráfico, um espaço sem divisões que abrange toda a sua extensão, reservado para a descrição das observações e as impressões do profissional.

Para a análise e categorização dos dados, os mapas foram estudados em ambos os sentidos. Das linhas verticais foram destacados os termos e as ações que mais se repetiam no conjunto das anotações. Já na leitura horizontal verificou-se a recorrência de momentos em que os participantes se concentravam na produção musical de uma forma diferenciada do restante da vivência. Dessa forma, chegou-se a duas categorias de dados: manifestações musicais e manifestações não musicais.

A categoria das manifestações musicais englobou as canções executadas em grupo, as canções solo, as melodias instrumentais e as expressões corporais rítmicas dos participantes. Na categoria das manifestações não musicais foram agrupadas as expressões verbais, a escuta, as atitudes de coesão e participação, as posturas de

interesse, fragmentação da atividade grupal e desatenção. Também foram incluídas nessa classificação as manifestações de dispersão da atenção causada pela ausência de material de apoio, como as letras das canções solicitadas e o desinteresse na interação quando a expressão verbal predominou sobre a musical. O quadro a seguir mostra os dados recorrentes nos encontros abertos.

QUADRO 1. MANIFESTAÇÕES MUSICAIS E NÃO MUSICAIS

MANIFESTAÇÕES MUSICAIS	MANIFESTAÇÕES NÃO MUSICAIS
Canção coletiva	Manifestação verbal
Canção solo	Escuta, acolhimento
Melodia instrumental	Ações de coesão, participação, interesse
Movimento corporal rítmico	Ações de fragmentação e desatenção

O cantar, o tocar, o escutar e a expressão corporal foram as ações que mais se destacaram entre os dados compilados. No entanto, a análise vertical revelou que a cada encontro, em determinado momento, acontecia um fazer musical carregado de sentido e que determinava modificações no clima ou no andamento dos encontros. Esses momentos musicais foram aqui chamados por “referentes musicais”. Entende-se por “referentes musicais” os recortes do contexto sonoro que atribuem sentido às manifestações dos participantes e que o musicoterapeuta percebe como fragmentos explicativos da realidade subjetiva e objetiva que está sendo vivenciada. A noção de “referentes musicais” se apoia no sociólogo Machado Pais (2003), que, ao conceituar “vida cotidiana”, diz que a descoberta dos significados atribuídos aos símbolos usados no dia a dia passa pela compreensão dos significados que esses símbolos têm para os indivíduos, e busca entender também, os usos que as pessoas fazem desses símbolos.

QUADRO 2 – REFERENTES MUSICAIS DESTACADOS DOS MAPAS ESTUDADOS

Expressão musical de parte do grupo (dupla). Outros participantes em audição: melodia interpretada ao violino e piano.
Polarização de um participante: solo vocal de composição própria. Os demais em audição.
Coesão e acolhimento do grupo direcionada ao participante que executa solo instrumental.
Apoio melódico do grupo direcionado a um participante que canta sua música preferida.
Audição de melodia ao piano executada por um participante.

Os referentes musicais que se destacaram nos registros dos mapas apresentaram características de uma ação coesa e pontual do grupo que, ao escutar a produção musical de um dos participantes, acompanhou no vocal e/ou instrumental essa expressão com o objetivo de acolher e valorizar a ação individualizada. Esse acolhimento foi marcado pela capacidade de escuta de tal forma que, a partir desse momento o grupo direcionou sua atividade para dar continência aos sentidos e significados, ou ao universo simbólico que se fazia presente nas canções, melodias e sonoridades expressadas por um dos membros ou por parte do grupo.

Reflexões Finais

Este trabalho apresentou considerações a respeito de fatores musicais e não musicais expressados em três encontros abertos de musicoterapia. As manifestações que foram registradas nos mapas das ações do grupo possibilitaram a análise da dinâmica musical e das ações que se estabeleceram no processo de cada encontro. O mapa foi composto pelas categorias: grupo, musicoterapeuta e música. Nesse instrumento foram registradas as interações, as intervenções, as expressões musicais, corporais ou verbais dos participantes além dos comentários gerais sobre o encontro.

Verificou-se que este modelo de registro de encontros propiciou uma leitura clara e prática do processo vivido. A visualização do mapa forneceu um panorama dos acontecimentos, da sucessão dos fatos e da produção musical. Por essa perspectiva

pode-se avaliar que o instrumento foi adequado para as anotações e estudo dos fatos que ocorreram nos encontros musicoterapêuticos. No entanto, tendo-se em vista a complexidade dos eventos vividos, percebeu-se a necessidade de acrescentar ao gráfico, espaços para detalhar observações de aspectos referentes ao contexto da subjetividade dos participantes. Concordou-se que para as anotações dos futuros encontros, serão adicionados ao instrumento, campos onde se possa anotar detalhes da expressão não verbal e verbal e as leituras que digam respeito à dinâmica afetiva, cognitiva e motora dos participantes. Essas observações, somadas às categorias já dispostas, poderão dar uma visão mais completa do trabalho realizado a cada dia.

Outro aspecto que se destacou na leitura dos mapas foi a diversidade de repertório que é demandada nos encontros abertos. Foram executados vários gêneros musicais e extenso repertório de canções de diferentes ritmos, épocas e estilos. A *performance* de instrumentos foi diversificada e os interesses dos participantes emergiram de diferentes ambientes sociais e de história de vida. Esses indicativos levaram a pensar na bagagem musical que o musicoterapeuta precisa construir para trabalhar com a proposta dos grupos abertos. Uma constante pesquisa e apropriação de material musical passa a ser requisitada do profissional como condição para a efetivação de uma comunicação autêntica e saudável com a comunidade.

Percebeu-se também a sutileza que envolve a inserção de material de apoio, como folhas ou pastas com letras das canções. Em certas ocasiões a presença da letra “engessou” a atividade do grupo que se fixou excessivamente no material. Outras vezes, o fato de ter a letra ao alcance ofereceu segurança pela possibilidade de poder lembrar e cantar a canção na sua totalidade.

As posturas de dispersão e coesão dos grupos foram reveladas com clareza nas linhas do mapa. Evidenciou-se que a produção verbal e motora excessiva nos encontros aqui estudados, foi motivo de dispersão da atenção e do interesse da maioria dos participantes. Por outro lado, a produção musical mostrou-se como um fato que motivou a coesão da ação grupal e possibilitou a construção de situações de cumplicidade e solidariedade entre os participantes.

Notou-se também que, ao se expressarem por meio da voz cantada, os membros dos grupos davam sustentação para as canções, mesmo que estas fossem

"músicas dos outros". Havia entre as pessoas a colaboração no sentido de relembrar trechos das letras e de tecer comentários sobre a música escolhida. A execução da percussão rítmica acompanhava as melodias e a expressão corporal unia os participantes em movimentos compartilhados. Houve situações em que se homenageou algum participante com a solicitação de músicas que eram significativas para aquela pessoa. As habilidades musicais dos participantes foram valorizadas com pedidos de apresentação solo. Nesse sentido, a música e o universo simbólico por meio dela expressado, foi um recurso propulsor da construção de situações sociais e de ações solidárias entre o grupo.,

O conjunto dos fatos musicais e não musicais aqui destacados mostrou que as ações de cantar, tocar, ouvir e movimentar ritmicamente o corpo foram predominantes nos encontros abertos. Essas ações foram "disparadoras" dos fatos não musicais, aqui considerados como o acolhimento, a escuta, o interesse, a coesão e também as atitudes de fragmentação da ação grupal. Na totalidade dessas manifestações, destacaram-se os referentes musicais, eventos que mostraram a concentração da atividade grupal em torno dos fatos musicais produzidos pela comunidade.

A reflexão aqui apresentada revelou que a multiplicidade de aspectos que compõem o trabalho musicoterapêutico com grupos abertos. Essa discussão está no seu começo. Muito se tem a pesquisar e estudar no âmbito da ação musical comunitária. Pretende-se que o desafio da descoberta e da construção de novas metodologias seja um convite para novos estudos que aprofundem os temas aqui explorados.

Referências

ARAÚJO, Rogério da Costa. **Os jardins da psicologia comunitária**. UFC/ ABRAPSO: Ceará, 1999.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

MACHADO PAIS, José. *Vida cotidiana. Enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PAVLICEVIC, Mercedes. **Groups in Music. 2 ed. London: Jessica Kingsley Publishers, 2006.**

PELLIZZARI, Patrícia C.; RODRIGUEZ, Ricardo J.. **Salud, Escucha y Creatividad – Musicoterapia preventiva psicosocial.** Buenos Aires: EUS - Ediciones Universidad Del Salvador, 2005.

SICCARD, Maria Gabriela. **Musicoterapia Comunitária.** Em: *Salud Escucha y Criatividad. Musicoterapia preventiva psicosocial.* Buenos Aires: Ediones Universidad Del Salvador, 2005.

STIGE, B. **Culture-Centered Music-Therapy.** Gilsum: Barcelona Publishers, 2002